

O Mito de Eneias na *Ilíada*, nas *Fabulae* e nas *Heroides*

Doutorando Carlos Eduardo Schmitt (ATRIVM/PPGLC-USP)

Orientador: Prof. Dr. Pablo Schwartz Frydman (PPGLC-USP)

Resumo: Com o presente artigo, pretendemos realizar um estudo sobre a narrativa do mito de Eneias em algumas obras da Antiguidade e compará-las à *Eneida*, com o intuito de encontrar tanto semelhanças quanto características particulares do herói troiano em cada uma das obras, de forma a ter um retrato seu o mais completo possível. O trabalho inicia com a *Ilíada* de Homero, em que tecemos algumas considerações sobre o papel de Eneias dentro do povo troiano e da obra como um todo. Continuamos com descrições e números das *Fabulae* de Higino, com seus significados latentes e, por último, perceberemos nas *Heroides* de Ovídio que, diferente dos outros autores que estão focados na guerra propriamente, o poeta lhe traça, indiretamente, certas características de sua relação com Dido, a partir da visão da própria rainha de Cartago.

Palavras-chave: Eneias; *Fabulae*; Ovídio

Aeneas' myth in *Iliad*, *Fabulae* and in the *Heroides*

Abstract: With this article, we intend to present the myth of Aeneas in some works of Antiquity and compare them to Virgil's *Aeneid*, in order to find both similarities and particular characteristics of the Trojan hero in each of the works. The work begins with Homer's *Iliad*, weaving some considerations about the role of Aeneas within the Trojan people and the poem as a whole, goes through the descriptions and numbers of Hyginus' *Fabulae*, with their latent meanings, and ends in Ovid's *Heroides* in which, unlike the other authors who are focused on the war itself, Ovid, indirectly, traces some characteristics of his relationship with Dido from the view of the queen of Carthage.

Keywords: Aeneas; *Fabulae*; Ovid

INTRODUÇÃO

Por meio deste artigo, quisemos fazer um recorrido literário sobre o mito de Eneias em alguns literatos greco-romanos. Interessa-nos saber as diversas formas em que o herói troiano foi retratado, destacando semelhanças e divergências entre os autores, a começar por Homero, na *Ilíada*, passando por Higino e Ovídio.

O desejo que nos motivou a levar a cabo esta pesquisa foi o de apreciar Eneias em outras obras além da *Eneida*, tanto anteriores como posteriores. Levados por certa curiosidade, quisemos ver como este herói é retratado, sobretudo buscando passagens que possam reconhecer certas características suas que o diferenciem da *Eneida*, sem excluir as semelhanças.

Na *Eneida*, o herói troiano, entre outros epítetos, é conhecido como *pius*. O *pius Aeneas* tem uma missão a cumprir, o que lhe afasta de todo e qualquer pensamento que esteja em desacordo com a vontade dos deuses. A *pietas* de Eneias é a obediência aos deuses que, às vezes, até parece cega. Por obediência aos deuses deixa sua pátria amada, bem como sua querida esposa, cujo vulto lhe aparece instigando-o a partir. Enfim, várias passagens ilustram a obediência aos deuses do herói da épica virgiliana.

O principal momento, possivelmente, em que o leitor percebe sua *pietas* é quando os deuses o obrigam a deixar Cartago. A obra leva-nos a pensar que Eneias já se havia estabelecido na cidade e já reinava ali ao lado da rainha Dido, quem o amava e cujo amor era correspondido. Enfim, este trabalho é uma resposta às nossas próprias indagações para construir uma visão integral do herói por cima de qualquer obra específica, sem contudo, ignorá-las. Essa visão mais completa, mais “universal” nada mais é do que uma união de particulares, em que se somam fatos novos e se contrastam os retratados de formas diferentes.

Interessa-nos saber as formas como Eneias foi retratado ao longo da literatura antiga, seu temperamento, suas atitudes, suas virtudes, suas forças e debilidades. Interessa-nos explorar os diversos matizes, as nuances de cada autor, e que virtudes ou até mesmo, talvez, defeitos ou fraquezas, buscam explorar no herói.

HOMERO: A *ILÍADA*

Filho de Anquises com a deusa Afrodite (a deusa Vênus dos romanos), nosso herói é um semideus, como Hércules, e por conseguinte, terá uma missão especial. Na *Ilíada*, contudo, percebemos que, apesar de ser um chefe troiano, no sentido lato do termo, não é o principal herói. Tal posição está reservada a Héctor, filho de Príamo, sucessor do trono e futuro rei de Troia, se Aquiles não o tivesse matado anteriormente em um combate singular. Héctor, cunhado de Eneias, que é casado com sua irmã Creúsa, é o herói troiano por excelência na epopeia homérica. É ele que lidera as batalhas, é ele que mata Pátroclo pensado ser Aquiles, pelo uso feito por aquele das armaduras deste. É ele, enfim, que assume todas as responsabilidades, todas as consequências da errônea e promíscua decisão de seu irmão mais novo, Páris, de ter raptado (ou ajudado a fugir?) a esposa do rei Menelau, a bela Helena, cunhada do líder Agamémnon, *primus inter pares* dos reis gregos. Helena é, até hoje, uma incógnita para a crítica literária, a começar pelo seu nome, que, a partir de uma tradução mais livre, poderíamos traduzir como a “Grega”.

Podemos perceber que Eneias não é o protagonista troiano da guerra, como seu cunhado, mas, de certa forma, é um dos coadjuvantes, talvez nem tanto como Príamo ou até mesmo Páris, que, no final da guerra, apesar da derrota, terá o consolo de ter matado Aquiles, sem dúvida o maior guerreiro de toda a epopeia. Sim, foi um assassinato covarde, com uma arma de covardes, o arco e flecha. Em vez de dispor-se para um combate, ele, astutamente, matou Aquiles no único ponto em que, segundo algumas versões da lenda, poderia ser morto, em seu calcanhar, literalmente, o tendão de Aquiles.

De todas as formas, predispomo-nos a considerar Eneias, nessa obra datada por volta do século VIII a.C., uma personagem significativa, um herói que, contudo, precisou da ajuda dos deuses para não perecer ao longo de todas as batalhas dessa década de guerra e de cerco grego. Vejamos, nos próximos parágrafos, algumas passagens desse herói troiano na epopeia homérica.

Maria de Fátima Silva, em seu artigo *Eneias, um herói da Ilíada* (2008, p. 122), explicita o papel paradoxal que Homero destina a Eneias:

Todos os traços que lhe compõem o retrato correspondem aos que são próprios de um herói de primeira qualidade; *arete, time e aidos*, como termos expressivos dos mais representativos valores da sociedade arcaica, todos, por direito, se lhe aplicam. E distinta, antes de mais, a linhagem de que descende, muito próxima, pelo parentesco, da que governa a casa real de Troia, e que ascende, como sua origem última, ao pai dos deuses olímpicos, o próprio Zeus. Não lhe faltam, em potência, todas as qualidades que o ascendente promete e o seu estatuto de *aristos* exige. Revestem-no armas e

acompanham-no cavalos que honrariam qualquer verdadeiro aristocrata da época arcaica, e o respeito que nutre pelos valores do código militar em vigor tornam-no digno de uma panóplia de epítetos enobrecedores [...] E, no entanto, alguma fraqueza, de alma e de braço, lhe põe diante, com frequência não excepcional, o caminho da fuga, sempre que alguma imprudência o leva a expor-se fora das linhas de combate, isolado, e a defrontar guerreiros que, de fato, lhe são superiores em agilidade e força e lhe põem a vida em risco. Ponderados méritos e fracassos, parece que devemos reconhecer no filho de Anquises mais um herói em potência, do que propriamente um combatente bem sucedido. Certo é, porém, que as diversas entidades que o cercam parecem apostadas em o proteger, como a alguém que, pela própria natureza e estatuto, tem ainda um destino superior a cumprir.

Então se, por um lado, temos um herói como Eneias com uma ascendência divina, com um laço estreito de parentesco com a casa real troiana e que, por ser filho de Vênus, possui um grau de parentesco também com o próprio pai dos deuses olímpicos, Zeus, em suma, Eneias tem tudo para ser o protagonista; por outro lado, contudo, como bem relata a autora, o herói não se destaca tanto quanto sua ascendência nos faria supor. Ele não é tão forte e ágil quanto outras personagens da *Ilíada*. A saída encontrada pela autora, talvez pensada até mesmo propositalmente por Homero (ou quem sabe uma deixa do mesmo aproveitada por aedos de séculos posteriores), tenha sido o fato de ver em Eneias um herói em potência, um guerreiro que está sendo preparado para uma missão divina, ainda desconhecida pelos mortais, até mesmo pelo narrador e pelo próprio Homero. O mito irá, de alguma forma, tomar vida própria e usar-se de aedos nos próximos séculos que facilitarão a feitura da epopeia virgiliana.

É a partir deste prisma, então, que nos disporemos a, sem mais delongas, adentrar-nos no Eneias homérico. Um herói com uma ascendência ímpar que, no entanto, está sendo poupado para uma missão que ultrapassa os limites geográficos de Troia e do próprio mundo helênico.

Semelhante ao caso de Aquiles, que abandona o campo de batalha por causa de uma ofensa de Agamémnon, Eneias também se descontenta com a resistência de Príamo e se ausenta da participação no combate (XIII, 459-461). Ambos, contudo, deixam de lado as ofensas contra sua honra: Aquiles volta para vingar Pátroclo, e Eneias, por causa de Alcátoos.

Algo interessante a se pensar é o que motivava os deuses a terem escolhido, predestinado e, conseqüentemente, diversas vezes preservado Eneias de situações que teriam sido fatais para a personagem, não obstante seu valor como herói. Podem haver diferentes

motivos, alguns mais óbvios que outros, como no caso de Afrodite, que se guiava por amor materno ao mais querido de seus filhos (V, 311-317). E, quando atingida pelo ousado Diomedes, já não pode mais proteger Eneias, é Apolo quem prontamente o ajuda. Perguntamo-nos, então, qual a razão de Apolo tê-lo ajudado? Há alguma predileção em específico por Eneias ou se trata mais da proteção dos troianos e Eneias teria sido resguardado apenas por ser troiano e não por outros motivos? E não só Apolo, mas também sua mãe e irmã, Latona e Ártemis as quais restabelecem o guerreiro para a batalha, o qual traz novo vigor para o lado troiano (V, 512-516).

Sobre o enfrentamento entre Eneias e Aquiles, sem dúvida o maior desafio para o troiano, Silva (2008, pp. 127-128) destaca outro paradoxo encontrado, em que, nesse caso, Posídon intervém para salvar o herói troiano:

Particularmente controversa é a intervenção divina no maior desafio que, em todo o poema, confronta Eneias: o de lutar com o próprio Aquiles. Não era a primeira vez que os dois guerreiros mediam forças. Já antes no Ida, Eneias experimentara a superioridade do rei da Ftia, e fora salvo, nessa altura, por um Zeus magnânimo, que lhe reforçou o fôlego e a agilidade dos pés contra o herói «de pés velozes» por excelência (20. 89-94; cf. 20. 188-194), livrando-o de uma morte certa. Mas eis que de novo o destino coloca os dois inimigos frente a frente. É então que, para desviar a atenção de Aquiles que se centra, assassina, em Héctor, os deuses lhe põem diante Eneias, que Apolo, outra vez disfarçado, incentiva a enfrentar a oportunidade de realizar o objetivo máximo com que sonhava (20. 75-85). Nem o empenho divino, nem o esforço humano bastam, porém, a reduzir a desproporção de valia que separa os dois combatentes. Por isso, contrariando as intenções de Apolo, é então Posídon quem, movido pela pena e gratidão para com o piedoso Eneias, se adianta em sua defesa (20. 291-302). De novo o milagre intervém de modo a preservar Eneias com vista a um futuro para Troia. Com o obscurecimento momentâneo da visão de Aquiles (20. 321-322), e salvaguardado pela adesão de Hera, ainda que inimiga perseverante dos Troianos disposta a admitir a salvação de Eneias (20. 309-317), o deus do mar produz a retirada fantástica do seu protegido (20. 325-327), em voo sobre as falanges, até ao extremo do território onde o combate se acendia. Quando a Aquiles é, por fim, restituída a lucidez, o seu primeiro pensamento vai para o adversário que acaba de se lhe escapar: se lhe falta a força necessária para se medir com um inimigo mais forte, é pelo menos real uma prerrogativa de que pode gabar-se: a de ser um dileto dos deuses (20. 347-348).

O excerto deixa claro que Aquiles era superior a Eneias. A própria *Ilíada*, como um todo, deixa claro que não há entre os gregos e os troianos qualquer guerreiro que se possa comparar em força à Aquiles. No entanto, Eneias tem um diferencial: é amado pelos deuses, os quais se compadecem dele e de sua morte iminente, caso tivesse se confrontado com o herói grego sem ajuda divina. Apesar de sofrerem inventivas dos mortais, como aconteceu no

caso de Diomedes contra a deusa do amor, eles continuam sendo deuses e, assim, infinitamente superiores aos mortais. E é através dessa ajuda divina, imortal, que, de alguma forma, a vida do herói troiano é alongada por décadas. Eneias, sendo mortal, se imortalizou graças aos feitos memoráveis realizados por meio da ajuda divina.

Outro aspecto para ser ter presente em Eneias, segundo Silva (2008, pp. 128-129) é sua liderança, seu espírito de cooperação, sua utilidade para seus companheiros. A autora destaca que, nos momentos de maior ameaça, é aos filhos de Anquises e de Príamo que os troianos recorrem. Sendo assim, na *Ilíada*, Eneias é um herói que, além do espírito competitivo (vide sua atuação em campo de batalha) possui também um espírito de chefia e responsabilidade, prenúncios, possivelmente, de outro epíteto pelo qual será conhecido: *pater*. É o *pater Aeneas* que zela pelo povo e pela vida de cada um daqueles chefiados por ele.

O Eneias homérico, chamemo-lo assim, é um líder ousado, que se lança, sem medo da morte. Contudo, ao que parece, sua ousadia não é consonante com sua força física. Silva (2008, p. 130) descreve com precisão tal asserção, citando um trecho da *Ilíada*:

Talvez Mérion (16. 608-625), contra quem Eneias falha um golpe, tenha sabido sintetizar em palavras claras esta desproporção entre a vontade que o impulsiona e os resultados obtidos: «Eneias, apesar do teu orgulho, é-te difícil competir com ardor com todos aqueles que te fazem frente. És mortal, como os outros. A mim também, se eu te atingisse em pleno corpo com o meu bronze agudo, por mais forte que sejas, por mais confiante no vigor do teu braço, havias de cobrir-me de glória, e a tua alma entregar-se a Hades, o deus de ilustres corcéis».

Eneias, talvez, não tinha toda a força que pensava ter. Não podemos excluir a possibilidade também de que, talvez, o herói fosse consciente de seus limites, mas, ao mesmo tempo, sabia ser amado pelos deuses. Enfim, são perguntas que não têm resposta simples e clara, e que, possivelmente, nunca terão. Sabemos claramente que o herói troiano era inferior em força a Aquiles, mas como seria em relação a outros guerreiros gregos? Apesar das ofensas de Mérion, o qual expõe uma diferença significativa entre a ousadia de Eneias e sua força de fato, vemos na *Ilíada* também uma admoestação por parte de Posídon, destacada por Silva (2008, p. 131), o qual ratifica que Aquiles lhe é superior, mas ao mesmo tempo traz uma informação nova para a reflexão: a de que não há, depois do guerreiro de pés velozes, nenhum outro aqueu capaz de matá-lo.

[O] deus do mar dá a Eneias uma admoestação de prudência, que é talvez a legenda que melhor cabe ao papel que a *Ilíada* destinou ao filho de Anquises

(20. 332-339): «Eneias, que deus te incentivou a expores-te assim, como um louco, perante o arrogante filho de Peleu, que é bem mais forte do que tu e dileto dos deuses imortais? Ouve o que te digo, bate em retirada quando o encontrares, a menos que prefiras baixar ao Hades antes da hora. Só quando Aquiles tiver atingido o fim dos seus dias, sem medo então, combate na primeira linha, porque nenhum outro Aqueu será capaz de te matar». Esta é talvez uma lição que serve a Eneias como um projeto de vida, e aos leitores de Homero de fasquia para avaliar o perfil que a épica deu ao troiano, destinado a um futuro ainda imprevisito, na memória de Ílion e na fundamentação da cultura europeia.

HIGINO: *FABULAE*

Sem dúvida são os ícones da epopeia grega e romana aqueles que moldam as principais características de Eneias, respectivamente, Homero e Virgílio. É, a partir de suas épicas, que outros literatos matizarão certos aspectos, ressaltarão algumas virtudes, esmiuçarão nuances talvez antes não percebidas ou valorizadas o suficiente, de acordo com sua percepção. E um deles é, sem dúvida, o fabulista *Gaius Iulius Hyginus*, ou simplesmente Higino (ca. 64 a.C. - 17 d.C.), famoso por sua obra *Fabulae*, com relatos sobre mitologia divididos em três partes: genealogia de deuses e heróis, relatos individuais, e recompilações em forma de listas.

A partir de agora, baseados na dissertação de mestrado de Diogo Martins Alves (2013), intitulada *Ciclos Mitológicos nas Fabulae de Higino: tradução e análise*, atentaremos no que o fabulista escreveu sobre Eneias em sua obra. Utilizaremos a edição crítica realizada por Peter Marshall e a proposta de tradução oferecida por Alves.

Iniciamos com os catálogos, normalmente na parte final do livro, mas que também aparecem em outras partes da obra, como é o caso da fábula CXII, 1, intitulada “Aqueles que se desafiaram e contra quem combateram”, em que aparece: *Menelaus cum Alexandro, Alexandrum Venus eripuit. Diomedes cum Aenea, Aeneam seruavit Venus* (Menelau contra Alexandre, Vênus arrebatou Alexandre. Diomedes contra Eneias, Vênus salvou Eneias.). Aqui podemos constatar nessas comparações em que há homogeneidade temática, o apreço da deusa do amor pelo seu filho e pelos troianos.

Outra passagem em que se destaca a homogeneidade temática é a seguinte (CXX, 3): *Achilles cum Asteropaeo, Asteropaeus occiditur. Idem cum Hectore, Hector occiditur. Idem cum Aenea, Aeneas fugatur.* (Aquiles contra Asteropeu, Asteropeu é morto. O mesmo contra

Héctor, Héctor é morto. O mesmo contra Eneias, Eneias foi posto em fuga.). Nesta passagem, percebemos, em primeiro lugar, a exultação da força de Aquiles, o qual matou Asteropeu e, sobretudo, o maior de todos os heróis troianos até então, Héctor, sucessor de Príamo. No entanto, Eneias foi poupado, através da proteção divina, de forma que fosse resguardado para um futuro incerto não só para ele, mas também para aqueles que ouviam Homero há séculos antes de nossa Era.

Chama-nos a atenção a fábula XCIV, pelo distanciamento em relação à *Eneida*:

Diz-se que Vênus amava Anquises, filho de Assáraco e que com ele se deitou, de quem teve Eneias, e o instruiu a não divulgar isso entre os homens. Anquises, movido pelo vinho, revelou o fato entre seus companheiros. Por esse motivo, foi abatido por Júpiter com um raio. Alguns dizem que morreu de morte natural.

Na *Eneida*, não aparece tal episódio, de que Anquises teria sido morto por causa de um raio enviado por Júpiter ao revelar a outros homens que tinha se deitado com Afrodite. Nem sequer há qualquer menção a tal episódio. Pelo contrário, o velho Anquises morre antes de chegar à Itália e, ao que tudo parece, de morte natural. De fato, é no canto V da *Eneida*, no caminho até a Itália, que Eneias é acolhido na Sicília por Acestes e celebra jogos em honra de seu pai Anquises no aniversário de sua morte, o qual encontra no canto VI, quando desce ao mundo dos mortos em que seu pai lhe prediz os heróis do futuro, desde os reis de Alba até Augusto.

Um fato que chama a atenção no que se refere à força de Eneias se encontra na *Fábula* CXV, “Que troianos mataram e quantos”:

Héctor matou trinta e um. Alexandre matou três. Sarpédon matou dois. Pântoo matou quatro. Gárgaso matou dois. Glauco matou quatro. Polídamas matou três. Eneias matou vinte e oito. Deífobo matou quatro. Clítio matou três. Acamas matou um. Agenor matou dois. O número total perfaz: oitenta e oito.

Do excerto acima, podemos trazer algumas reflexões significativas. A primeira delas é o protagonismo incontestável de Héctor entre os troianos. É, sem dúvida, o mais forte e valoroso guerreiro troiano e, possivelmente, depois de Aquiles, o guerreiro mais forte de toda a *Ilíada*. Tal força é atestada pelo número de guerreiros que matou, trinta e um, enquanto que outros não passavam nem sequer de quatro, com uma única exceção, seu cunhado Eneias. O protagonista da épica virgiliana matou quase tanto quanto Héctor, contabilizando vinte e oito

guerreiro, ou seja, três a menos que Héctor. Nesse sentido, podemos supor que Eneias é quase tão forte quanto Héctor, e que, sem sombra de dúvidas, eles são completamente mais fortes que outros guerreiros troianos, como por exemplo o causador de toda a guerra, Alexandre (ou Páris), que matou apenas três.

Com as informações que pouco a pouco vão se encaixando a partir das diversas fontes, conseguimos criar facetas cada vez mais específicas de Eneias. Através da *Eneida*, temos uma noção bastante clara do que a personagem mitológica realizou a partir da destruição de Troia. Contudo, interessou-nos ver quem ele era antes de tal ocorrência. É por isso que o comparamos não apenas com os maiores guerreiros gregos, mas também com os troianos. Interessava-nos conhecer sua posição no quesito força, ousadia, liderança, e todos aqueles aspectos que pudessem facilitar a compreensão do *pious Aeneas* virgiliano. Buscamos também supostas contradições, de modo a enriquecer ainda mais essa personagem mitológica.

OVÍDIO: HEROIDES

Distanciando-nos do contexto da guerra de Troia, proporemos, a seguir, adentrar em outro aspecto da vida de Eneias, a saber: seu relacionamento com a rainha Dido. Apesar de o tema destoar completamente da guerra de Troia, ele se alinha perfeitamente à *pietas* de Eneias. Parece-nos que o herói troiano não tinha vontade de abandonar Cartago e que até já havia se acostumado e conformado com sua tranquila vida ao lado de uma mulher que o amava com paixão, Dido. Esta, por sua vez, era bela e virtuosa. Como auxílio para essas reflexões, nossa pesquisa será baseada na tese de doutorado de Márcia Regina de Faria da Silva (2008), intitulada, *O trágico nas Heroïdes de Ovídio*. Faremos uso também de sua tradução para os excertos da obra citados neste trabalho.

Públio Ovídio Naso, nascido em 43 a.C. e morto por volta de 17 d.C. é conhecido, além de suas três grandes coleções de poesias eróticas, *Heroïdes*, *Amores* e *Ars Amatoria*, por seu poema mitológico *Metamorfoses*, além de *Fastos*, *Tristia* e *Espistulae ex Ponto*. O enfoque de nossa pesquisa será na obra *Heroïdes*, ou “Cartas das Heroínas”, escrita em dístico elegíaco. A pesquisa se centrará em Dido, rainha de Cartago que, apaixonada perdidamente por Eneias, se suicidou ao descobrir que este a abandonara para seguir, por obediência aos deuses, seu destino final rumo à Itália, para fundar uma nova Troia.

A “carta” de Dido a Eneias se baseia, obviamente, na *Eneida*, sobretudo tendo em vista que Virgílio é apenas algumas décadas mais velho que Ovídio. E é na carta VII que o poeta, com maestria, permite a Dido expressar sua angústia pelo abandono por parte de Eneias. É em tal carta, também, que encontramos a narração do assassinato de seu antigo esposo, Siqueu, por seu próprio cunhado, irmão de Dido, quem foge para a África e constrói a cidade de Cartago. A bela e forte rainha recusara já inúmeros pedidos de casamento, mas o mesmo não aconteceu com Eneias, homem pelo qual se apaixonou perdidamente:

O meu marido morreu sacrificado junto aos altares de Júpiter Hirceu,
E o meu irmão possui os despojos de tamanho crime.
Sou conduzida como desterrada e deixo as cinzas do meu esposo e a pátria
E sou levada por difíceis caminhos pelo inimigo que me persegue.
Sou aportada entre desconhecidos e, pérfido, fugida
Ao meu irmão e ao mar, compro um litoral, que te dei;
Fundei uma cidade e fixei vastas muralhas ao largo
Que provocam inveja aos lugares vizinhos.
As guerras ameaçam; eu, mulher e peregrina, sou atacada por guerras,
E com custo preparo as portas da cidade em construção e as armas;
Agradei a mil pretendentes, que se aproximaram de mim queixosos,
Não conheço aquele que foi preferido aos seus tálamos. (VII, 113-124).

Lembre-mos do mito de Eneias na *Eneida*, de como Juno arremessa os navios troianos à costa da África e em Cartago o herói troiano conhece a viúva de Siqueu erguendo os muros da cidade. A acolhedora rainha acaba se apaixonando por Eneias, acalorada pela intervenção divina por parte de Juno e Vênus, as quais preparam uma ocasião propícia para que os dois possam se unir: um refúgio, mais especificamente uma gruta, em que se protegem da tempestade. Foi apenas através de Mercúrio, enviado de Júpiter, que o herói troiano foi alertado sobre o desvio que estava acontecendo em relação aos desígnios divinos e, então, toma a difícil decisão de fugir. Nas *Heroides*, contudo, a rainha escreve a Eneias para dissuadi-lo da partida, visto que ela própria já teve que fugir de sua pátria:

Poupa, Vênus, a tua nora, e abraça, irmão Amor,
Teu irmão insensível! (...)
Sou enganada e esta imagem me abala injustamente;
Ele está separado do gênio de sua mãe.
A pedra e os montes e os carvalhos nascidos
Nos altos rochedos e as feras cruéis te geraram,
Ou o mar, tal qual agora vês também ser agitado pelos ventos,
Para onde, ainda, te preparas para enfrentar as ondas adversas. (VII, 31-32;
35-40).

Podemos perceber como Dido se refere à Vênus (nora) e também ao Amor (Cupido, irmão de Eneias) com uma linguagem bastante familiar. Além disso, o excerto acima merece especial atenção, segundo a autora, porque a genealogia normalmente é utilizada para enobrecer os feitos de uma personagem, dando-lhe credibilidade. Contudo, no excerto selecionado, acontece o contrário, visto que a rainha contesta a filiação divina de Eneias e, em concreto, à deusa do amor:

A genealogia é um recurso muito utilizado nas epopeias e nas tragédias para dar credibilidade aos feitos do herói, através da importância de sua ascendência. No trecho analisado, acontece o contrário, pois diante da atitude insensível de Eneias, em relação à dor da amante, Dido contesta exatamente sua genealogia divina, já que, se ele fosse realmente descendente de Vênus, deveria dar mais valor ao amor do que à fundação de uma nova Troia. (SILVA, 2008, p 53).

Outro fato que merece atenção, segundo Silva (2008, p. 54) é que, apesar da morte de Dido, por razões óbvias, não acontecer na carta, suas últimas palavras, não obstante, informam o leitor sobre seu iminente suicídio:

E, consumida pela pira, não serei inscrita como Elisa de Siqueu;
Esta inscrição contudo estará no mármore do túmulo:
“Eneias deu não só a causa da morte mas também a espada;
Tendo usado a sua própria mão, Dido morreu.” (VII, 193-196).

Silva (2008, p. 55) continua ao explicitar que é um *tópos*, um lugar-comum na elegia latina “a visualização da morte pelo eu-lírico que se encontra afastado de sua amada. Não raras vezes, o eu-lírico imagina-se morto e elabora para si um epitáfio ou vê-se à beira da morte.” O próprio início da carta já esclarece o destino que Dido está a traçar para si própria: [Accipe, Dardanide, moriturae carmen Elissae; / Quae legis, a nobis ultima uerba legis] (VII, 1-2). No primeiro verso, através do uso de um particípio futuro, *moriturae*, ou seja, da Elisa (Dido), “que vai morrer” (ou, “que está para morrer”), ratificado pelo *ultima uerba* no verso seguinte, percebemos que, provavelmente, antes mesmo de iniciar a carta, a personagem já se havia decidido pelo suicídio, e mais ainda tendo em consideração que seu amante é o *pius Aeneas* e que, portanto, está disposta a sacrificar a tudo e a todos para cumprir sua missão divina, até mesmo a aceitação da morte de sua amada, a qual possivelmente sabe que não irá suportar a dor de tamanho abandono.

CONCLUSÃO

Por meio desta pesquisa, através dos recortes utilizados, pudemos perceber como outras obras além da *Eneida* traçam alguns aspectos que caracterizam de forma mais detalhada certas percepções do herói troiano, Eneias. Sem dúvida que, depois da *Eneida*, a *Ilíada* é a obra que traz mais detalhes sobre o filho de Afrodite.

Nossa intenção não foi a de esgotar todas as fontes, mas apenas a de selecionar algumas, baseando-nos nas pesquisas mais recentes realizadas em língua portuguesa, com especial ênfase nas brasileiras. A escolha da *Ilíada* se deu pela sua importância, sendo o único texto deste trabalho cuja língua original é o grego, diferente das *Fabulae* e das *Heroides*, que foram escritas em latim.

Sobre as *Fabulae* de Higino, chamou-nos a atenção o fato da seleção realizada pelo autor. São os detalhes, aparentemente imperceptíveis, aqueles que moldam a personagem de Eneias, como quando, diferente de outros guerreiros, foi poupado pelos deuses no episódio em que Diomedes fez uma invetiva contra ele ou quando esteve cara a cara com Aquiles, além da contagem do número de guerreiros mortos por ele, que quase se igualavam aos de Héctor.

E, finalmente, nas *Heroides*, o poeta do amor, Ovídio, através da tradição épica, põe palavras de desespero e ódio em Dido, talvez até mesmo de arrependimento. Trata-se de um momento singular na *Eneida*, romantizado já na própria obra virgiliana, mas que é elevada a um grau exponencial ao colocar palavras na boca da rainha de Cartago, ou melhor, numa carta escrita por ela mesmo.

Esperamos que essa pesquisa tenha podido, de alguma forma, trazer aspectos comuns e contrastantes entre o Eneias de Virgílio e o de Homero, bem como o Eneias que aparece em Ovídio e Higino, em suas obras tratadas acima. Ao início, esperávamos encontrar mais diferenças do que semelhanças, mas conforme nossa leitura avançava, surpreendidos, nos deparamos com o fato de serem leituras, sobretudo, complementares. Não encontramos, ao longo de nossa pesquisa, nenhuma contradição absoluta entre o Eneias apresentado pelos autores acima. Sim, sabemos que há diferentes versões, não tratadas aqui, como, por exemplo, sobre a filiação de Ascânio (Iulo), se é filho de Creúsa, sua primeira esposa, ou se é de Lavínia, ou seja, tido posteriormente no Lácio. Ou sobre a razão última da morte de Dido, se foi o abandono por parte de Eneias, que fugiu para cumprir sua missão divina, ou porque ela estava prometida a Jarbas e não queria se casar com ele.

Nossa pesquisa se centrou na personagem Eneias e, de alguma forma, nas personagens que lhe rodeiam e que, em nossa percepção, merecem certa atenção. Ademais, pensando em nosso recorte, nos limitamos, sobretudo, a dois momentos específicos em sua vida: a guerra de Troia (*Ilíada* e *Fabulae*) e sua estadia em Cartago (*Heroides*). Evitamos trabalhar diretamente com a *Eneida*, visto que este trabalho pressupõe no leitor o conhecimento da obra. De fato, as três obras utilizadas neste trabalho são constantemente comparadas, direta ou indiretamente, à épica virgiliana.

Esta foi apenas uma pesquisa inicial. Nosso intuito é o de criar uma espécie de antologia com todas as passagens em que Eneias aparece, também em todas aquelas obras que, por razões de extensão, não trouxemos para esta pesquisa. De fato, pode-se perceber que não esgotamos as aparições de Eneias nem sequer nessas três obras selecionadas, com exceção das *Fabulae*. Tanto Homero quanto Ovídio (e este não apenas nas *Heroides*) retratam outras facetas do herói troiano que, quanto mais é explorado, mais fascina a nós, seus leitores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Diogo Martins. *Ciclos Mitológicos nas Fabulae de Higino: tradução e análise*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto da Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre em Linguística. Campinas, SP : [s.n.], 2013. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270796/1/Alves_DiogoMartins_M.pdf>. Acesso em: 03/11/2018.

HOMERO. *Ilíada de Homero*. Trad. Haroldo de Campos; introdução e organização Trajano Viera, 4. ed., 2 v. (bilíngue). São Paulo: Arx, 2004.

HYGINUS, C. J. *Fabulae*. Edidit Peter K. Marshall. Monachii; Lipsiae: In aedibus K. G. Saur, 2002.

OVIDE. *Héroïdes*. Texte établi par Henri Bornecque et Traduit par Marcel Prévost. Paris: Les Belles Lettres, 1928.

SILVA, Maria de Fátima. *Eneias, um herói da Ilíada*. In: CADMO, Revista de História Antiga. Centro de História da Universidade de Lisboa, vol. 18 (2008), pp. 121-132. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10316.2/23838>>. Acesso em: 15/11/2018.

SILVA, Márcia Regina de Faria. *O trágico nas Heroides de Ovídio*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro como quesito para a obtenção do título de doutor em Letras Clássicas. 2008. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/pgclassicas/tese_MarciaReginaSilva.pdf>. Acesso em: 5/11/2018.

VIRGÍLIO. *Eneida brasileira*: tradução poética da epopéia de Públio Virgílio Maro por Manuel Odorico Mendes. Organização: Paulo Sérgio de Vasconcellos [*et al.*]. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.